

FÁBIO BURCH SALVADOR

DOIS PRESIDENTES E UM JORNAL
ESTUDO SOBRE A COBERTURA DOS MANDATOS DE
FHC E LULA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Monografia do curso de Comunicação Social - Jornalismo

Professor Orientador: Antonio Hohlfeldt

Porto Alegre
2005

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

FÁBIO BURCH SALVADOR

DOIS PRESIDENTES E UM JORNAL
ESTUDO SOBRE A COBERTURA DOS MANDATOS DE
FHC E LULA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Porto Alegre
2005

FÁBIO BURCH SALVADOR

DOIS PRESIDENTES E UM JORNAL
ESTUDO SOBRE A COBERTURA DOS MANDATOS DE
FHC E LULA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do
bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovada em ____ de _____ de 2005, pela Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

Prof. Celso Augusto Schröder

Prof. Dr. Francisco Menezes

*Dedico este trabalho a toda a
classe jornalística, em especial aos
profissionais que cruzaram meu caminho
na longa caminhada do vestibular até agora.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, minha noiva e a minha irmã pela compreensão e o incentivo.

Ao meu sobrinho Raphael pelas alegrias nos momentos mais tensos.

Aos companheiros jornalistas de Porto Alegre e Viamão, por muito me ensinarem sobre a profissão durante estes anos de faculdade.

Aos colegas pelo companheirismo e por aumentarem a cada dia, através da força de vontade de cada um, minha própria vontade de ser jornalista.

Aos professores Fabian Chelkanoff, Celso Schröder, Ivone Casso, Ana Maria Benedetti, Aline Dallago, Andreia Mallmann e Sérgio Stosch, pela amizade e pelos exemplos como profissionais da comunicação e como docentes.

Ao professor Antonio Hohlfeldt, pela paciência dedicada durante toda a execução deste trabalho.

“A verdade jamais é pura e raramente é simples.”

Oscar Wilde

“Quanto maior a mentira mais pessoas acreditarão nela.”

Adolf Hitler

“Atualmente, os jornais não servem a idéias e sim a interesses.

Os jornais só publicam o que a grande indústria ou os bancos que os financiam querem que seja publicado.”

Benito Mussolini

RESUMO

Este estudo é sobre Zero Hora, um dos jornais mais poderosos do Rio Grande do Sul. Como ele mostra dois governos diferentes, de dois líderes diferentes, pertencentes a dois grupos políticos bastante diferentes? Neste caso, Lula e FHC. Este é o principal objeto de análise neste trabalho. Checando a atitude que o jornal demonstra quando descreve certos momentos dos dois governos, podemos deduzir o nível de hostilidade e simpatia por um ou outro governante. No fim do estudo, a conclusão foi que ZH apóia a ambos os governos, e não deixa transparecer hostilidade por nenhum deles. Na verdade, faz o líder atual parecer um herói, seja ele qualquer um.

Palavras Chave: Jornal, Presidente do Brasil, Governo, Ponto de vista

ABSTRACT

This study is about Zero Hora, one of the most powerful newspapers in Rio Grande do Sul. How does it show two different governments, of two different leaders, from two very different political groups? In this case, Lula and FHC. That's the main object of analysis in this work. By looking at the attitude the newspaper shows while describing certain moments of both governments, we can deduce the level of hostility and sympathy for one or another ruler. At the end of the study, the conclusion was that ZH supports both governments, and shows no hostility to any of them. In fact, it makes the current ruler seem like a hero, whoever the ruler is.

Key Words: Newspaper, President of Brazil, Government, Point of View

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. SOBRE O JORNALISMO E A POLÍTICA.....	18
1.1. Da construção de uma versão da realidade.....	21
1.1.1 Linguagem.....	22
1.1.1.1 Como aumentar ou diminuir números sem alterá-los.....	22
1.1.1.2 Aspectos da realidade – o que é importante e o que não é.....	23
2. HISTÓRIA	24
2.1. O Brasil antes de FHC.....	24
2.2. Antes e durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.....	30
2.3. Quem é FHC, de onde veio e como começou seu governo.....	32
2.4. O governo FHC.....	34
2.5. O Brasil antes de Lula.....	39
2.6. O Brasil antes e durante o governo Lula.....	44
2.7. Quem é Lula, de onde veio e como começou seu governo.....	45
2.8. O governo Lula.....	47
2.9. Histórico do jornal Zero Hora.....	50

	10
3. ANÁLISE DAS MATÉRIAS.....	53
3.1 Matérias sobre o governo FHC.....	53
3.1.1 FH é o futuro presidente.....	54
3.1.1.1 Análise.....	54
3.1.2 A geração esperança chega ao poder.....	55
3.1.2.1 O título.....	57
3.1.2.2 Grandeza.....	58
3.1.2.3 Retrato do presidente.....	58
3.1.3 Brasileiros dão nota 6,2 ao governo.....	62
3.1.3.1 Título e subtítulo.....	63
3.1.3.2 Escolhas.....	63
3.1.3.3 Comparações.....	65
3.2 Matérias sobre o governo Lula.....	67
3.2.1 Nasce o Lula presidente do Brasil.....	68
3.2.1.1 O relato do dia do presidente.....	69
3.2.2 Multidão derruba protocolo na festa da posse de Lula.....	70
3.2.2.1 Adeus Brasil velho.....	71
3.2.2.2 Um presidente com unanimidade.....	72
3.2.2.3 Lula, uma estrela e um novo Messias.....	73
3.2.3 Em nome dos pobres no fórum dos ricos.....	73

	11
3.2.3.1 O representante do Terceiro Mundo.....	74
3.2.3.2 Lula, um astro e um estadista.....	75
3.3 Análise dos dois períodos.....	76
3.3.1 Vitórias.....	76
3.3.2 O novo é melhor do que o velho – a lógica do recomeço.....	77
3.3.3 Feliz aniversário.....	78
4. CONCLUSÃO.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	83

ANEXOS

FÁBIO BURCH SALVADOR

DOIS PRESIDENTES E UM JORNAL
ESTUDO SOBRE A COBERTURA DOS MANDATOS DE
FHC E LULA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Monografia do curso de Comunicação Social - Jornalismo

Professor Orientador: Antonio Hohlfeldt

Porto Alegre
2005

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

FÁBIO BURCH SALVADOR

DOIS PRESIDENTES E UM JORNAL
ESTUDO SOBRE A COBERTURA DOS MANDATOS DE
FHC E LULA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Porto Alegre
2005

FÁBIO BURCH SALVADOR

DOIS PRESIDENTES E UM JORNAL
ESTUDO SOBRE A COBERTURA DOS MANDATOS DE
FHC E LULA NAS PÁGINAS DE ZERO HORA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do
bacharelado em Comunicação Social – Jornalismo.

Aprovada em ____ de _____ de 2005, pela Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

Prof. Celso Augusto Schröder

Prof. Dr. Francisco Menezes

*Dedico este trabalho a toda a
classe jornalística, em especial aos
profissionais que cruzaram meu caminho
na longa caminhada do vestibular até agora.*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, minha noiva e a minha irmã pela compreensão e o incentivo.

Ao meu sobrinho Raphael pelas alegrias nos momentos mais tensos.

Aos companheiros jornalistas de Porto Alegre e Viamão, por muito me ensinarem sobre a profissão durante estes anos de faculdade.

Aos colegas pelo companheirismo e por aumentarem a cada dia, através da força de vontade de cada um, minha própria vontade de ser jornalista.

Aos professores Fabian Chelkanoff, Celso Schröder, Ivone Casso, Ana Maria Benedetti, Aline Dallago, Andreia Mallmann e Sérgio Stosch, pela amizade e pelos exemplos como profissionais da comunicação e como docentes.

Ao professor Antonio Hohlfeldt, pela paciência dedicada durante toda a execução deste trabalho.

“A verdade jamais é pura e raramente é simples.”

Oscar Wilde

“Quanto maior a mentira mais pessoas acreditarão nela.”

Adolf Hitler

“Atualmente, os jornais não servem a idéias e sim a interesses.

Os jornais só publicam o que a grande indústria ou os bancos que os financiam querem que seja publicado.”

Benito Mussolini

RESUMO

Este estudo é sobre Zero Hora, um dos jornais mais poderosos do Rio Grande do Sul. Como ele mostra dois governos diferentes, de dois líderes diferentes, pertencentes a dois grupos políticos bastante diferentes? Neste caso, Lula e FHC. Este é o principal objeto de análise neste trabalho. Checando a atitude que o jornal demonstra quando descreve certos momentos dos dois governos, podemos deduzir o nível de hostilidade e simpatia por um ou outro governante. No fim do estudo, a conclusão foi que ZH apóia a ambos os governos, e não deixa transparecer hostilidade por nenhum deles. Na verdade, faz o líder atual parecer um herói, seja ele qualquer um.

Palavras Chave: Jornal, Presidente do Brasil, Governo, Ponto de vista

ABSTRACT

This study is about Zero Hora, one of the most powerful newspapers in Rio Grande do Sul. How does it show two different governments, of two different leaders, from two very different political groups? In this case, Lula and FHC. That's the main object of analysis in this work. By looking at the attitude the newspaper shows while describing certain moments of both governments, we can deduce the level of hostility and sympathy for one or another ruler. At the end of the study, the conclusion was that ZH supports both governments, and shows no hostility to any of them. In fact, it makes the current ruler seem like a hero, whoever the ruler is.

Key Words: Newspaper, President of Brazil, Government, Point of View

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. SOBRE O JORNALISMO E A POLÍTICA.....	18
1.1. Da construção de uma versão da realidade.....	21
1.1.1 Linguagem.....	22
1.1.1.1 Como aumentar ou diminuir números sem alterá-los.....	22
1.1.1.2 Aspectos da realidade – o que é importante e o que não é.....	23
2. HISTÓRIA	24
2.1. O Brasil antes de FHC.....	24
2.2. Antes e durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.....	30
2.3. Quem é FHC, de onde veio e como começou seu governo.....	32
2.4. O governo FHC.....	34
2.5. O Brasil antes de Lula.....	39
2.6. O Brasil antes e durante o governo Lula.....	44
2.7. Quem é Lula, de onde veio e como começou seu governo.....	45
2.8. O governo Lula.....	47
2.9. Histórico do jornal Zero Hora.....	50

	21
3. ANÁLISE DAS MATÉRIAS.....	53
3.1 Matérias sobre o governo FHC.....	53
3.1.1 FH é o futuro presidente.....	54
3.1.1.1 Análise.....	54
3.1.2 A geração esperança chega ao poder.....	55
3.1.2.1 O título.....	57
3.1.2.2 Grandeza.....	58
3.1.2.3 Retrato do presidente.....	58
3.1.3 Brasileiros dão nota 6,2 ao governo.....	62
3.1.3.1 Título e subtítulo.....	63
3.1.3.2 Escolhas.....	63
3.1.3.3 Comparações.....	65
3.2 Matérias sobre o governo Lula.....	67
3.2.1 Nasce o Lula presidente do Brasil.....	68
3.2.1.1 O relato do dia do presidente.....	69
3.2.2 Multidão derruba protocolo na festa da posse de Lula.....	70
3.2.2.1 Adeus Brasil velho.....	71
3.2.2.2 Um presidente com unanimidade.....	72
3.2.2.3 Lula, uma estrela e um novo Messias.....	73
3.2.3 Em nome dos pobres no fórum dos ricos.....	73

	22
3.2.3.1 O representante do Terceiro Mundo.....	74
3.2.3.2 Lula, um astro e um estadista.....	75
3.3 Análise dos dois períodos.....	76
3.3.1 Vitórias.....	76
3.3.2 O novo é melhor do que o velho – a lógica do recomeço.....	77
3.3.3 Feliz aniversário.....	78
4. CONCLUSÃO.....	80
BIBLIOGRAFIA.....	83

ANEXOS

INTRODUÇÃO

O cidadão comum, o homem do povo, vive e age reagindo sempre à realidade que o cerca. Atualmente, mesmo com o avanço da *internet*, do rádio, da TV, o jornal impresso ainda é um dos veículos com maior poder de influenciar a noção de realidade das pessoas em geral. A realidade do cidadão é aquela que ele vê através do prisma da imprensa. Para o brasileiro comum, a maior parte do mundo é, em suma, aquilo que os meios de comunicação mostram dele.

No Rio Grande do Sul, já há algumas décadas, duas empresas têm dominado o cenário do jornalismo impresso gaúcho: Correio do Povo e Zero Hora. O velho Correio do Povo, que desde o final do século XIX mantinha a hegemonia neste mercado, perdeu grande parte de sua força diante do concorrente mais jovem durante a década de 70, e passou por problemas financeiros nos anos 80, chegando a sair de circulação, até que a empresa trocasse de proprietário. Zero Hora, pelo contrário, cresceu e o sobrepujou.

Nos últimos anos, com o aparecimento de outros jornais, como o Diário Gaúcho, O Sul, e outros, o mercado diversificou-se um pouco. Mas

Zero Hora permanece ainda como um dos maiores jornais gaúchos. E nada parece derrubá-lo do alto de seu altar de formador de opinião.

Por isso, a maneira como ZH retrata a realidade é objeto de qualquer estudo importante. Porque, através desta análise, algumas questões da política e da sociedade gaúcha hoje em dia podem ser, ao menos em parte, explicadas.

O posicionamento político deste veículo de comunicação é assunto de diversos estudos e de muita polêmica. Em especial, o posicionamento do jornal em relação ao Partido dos Trabalhadores. Há muito tempo, nos espaços públicos como a imprensa, a campanha eleitoral e outros, vem sendo veiculada uma idéia sobre o posicionamento do jornal em estudo: Zero Hora é contra o PT.

Esta noção, enraizada no imaginário popular, tem sido utilizada como recurso para explicar eventuais derrotas eleitorais do Partido dos Trabalhadores nas eleições locais ou para cargos estaduais.

Ao longo deste estudo, avaliamos o grau de hostilidade e simpatia expressa pelo jornal Zero Hora em relação a dois governos comandados por grupos distintos, um do PSDB, na presidência de Fernando Henrique Cardoso; e o outro, do PT, comandado por Luiz Inácio Lula da Silva. Com isso, pretendemos analisar, da maneira mais objetiva possível, até que ponto o

jornal demonstra a preocupação de atacar ou elogiar determinado governo ou governante.

Os resultados de tal pesquisa possibilitarão uma melhor compreensão do posicionamento político do jornal Zero Hora, segundo uma análise objetiva, técnica, para desmentir, ou não, ao menos parcialmente, este mito (da hostilidade de ZH ao PT), existente na discussão política no estado do Rio Grande do Sul.

Nossa teoria é de que, sendo um jornal forjado nos tempos de um governo autoritário, e dependendo da aprovação deste governo para manter suas concessões de rádio e TV – através da RBS, rede da qual ZH faz parte – moldou para si uma visão editorial sempre governista.

O jornal Zero Hora, como os demais jornais de expressão no país, viveu os problemas da censura durante o regime militar, a partir do Ato Institucional nº 5. Sem poder assumir reações contestatórias ostensivas como, por exemplo, as do jornal O Estado de São Paulo, por uma razão muito simples: o Estadão, além do enorme prestígio, não tinha estação de TV. Já as empresas que possuíam concessões de TV, outorgadas a título precário e que podiam ser cassadas a qualquer pretexto, ficavam expostas a essa espada de

Dêmocles que as impedia de enfrentamentos com a censura e com o governo (SCHIRMER, 2002 , p. 85).

Passado o período do autoritarismo, e revogado o AI 5, Zero Hora permaneceu presa a uma tendência de simpatia para com o governo. Ou, melhor dizendo, aos governos. A cada um dos governantes federais que tomaram posse, depois do fim do regime militar. Não cabe aqui avaliar se este posicionamento é bom ou ruim, a quem favorece, e com que intenção é formulado. A questão central é desfazer o mito da hostilidade de ZH para com o PT. A acusação de que Zero Hora é contra o PT tem de ser revista. Pois se o PT hoje é governo, o jornal não vê problema algum em apoiá-lo.

As matérias de ZH mostram sempre os presidentes de forma semelhante, seguindo um mesmo sistema de construção da mensagem. Especialmente nas matérias sobre a posse do novo governante, que seguem o seguinte esquema: o presidente anterior, ao sair, é mostrado como uma pessoa fraca, e sua imagem acaba associada aos problemas sociais existentes no Brasil; o novo presidente aparece como um herói, tanto do ponto de vista de sua personalidade, como de seu físico; e o povo sempre aparece como estando cansado do velho governo, e esperançoso do novo. O novo sempre é mostrado como melhor do que o velho, não importando a quais partidos ambos

pertençam. O mesmo tipo de equidade no tratamento de ambos os governantes ocorre em outras ocasiões dos governos.

Estudar o comportamento de um jornal de circulação em todo o Rio Grande do Sul, é importante para determinar até que ponto é possível apresentar para o povo um retrato favorável de governos que enfrentam dificuldades bem conhecidas de todos os brasileiros.

Este trabalho vem somar elementos de discussão para o debate político gaúcho. Derrubado o mito “ZH contra PT”, fica claro para ambos – a oposição e o corrente governo Lula – que nenhum dos dois lados enfrenta deste veículo de comunicação qualquer obstáculo especial em suas ações políticas.

Esperamos que esta monografia possa, no futuro, servir como um objeto de estudo, ou ao menos uma referência, para a discussão sobre a imprensa e seu papel na sociedade.

Para realizar tal intento, temos como objetos de estudo seis matérias publicadas em Zero Hora, três sobre o governo FHC, e três sobre o governo Lula.

Este trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Sobre o jornalismo e a política”, há algumas considerações sobre o uso da linguagem, das palavras e das construções frasais, que dão a um texto

seu significado, e fazem com que o leitor tira uma ou outra conclusão acerca do texto lido. O segundo, com o título de “História”, há a descrição dos fatos e da realidade do Brasil antes, durante e depois de cada um dos governos aqui estudados. “Análise das matérias”, o terceiro capítulo, é composto de trechos das matérias jornalísticas em estudo e de suas respectivas análises quanto ao conteúdo e linguagem, a partir dos quais são verificadas as intenções do autor em fortalecer ou denegrir a imagem do governante que protagoniza a reportagem. O quarto e último capítulo é a conclusão do trabalho, o resultado final da análise dos fatos e das matérias.

1. SOBRE O JORNALISMO E A POLÍTICA

Da observação de um texto jornalístico, depreende-se a visão do veículo sobre esta ou aquela matéria, sobre um OU outro momento. A posição do jornal não transparece APENAS na história que é contada em si, já que esta é apenas o evento retratado. A posição transparece sobretudo na priorização de determinados aspectos em detrimento de outros, no uso de determinadas palavras, e na construção de estereótipos.

A priorização de aspectos da realidade é, neste trabalho, elemento-chave na construção da ideia de posicionamento do jornal. A construção de imagens estereotípicas e de descrição literal de aspectos pessoais e de comportamento dos indivíduos-chave – ou seja, Lula e FHC - é essencial à criação da realidade da notícia veiculada, e é um aspecto que deve também ser levado em conta.

A relação entre jornalismo e política é complexa e merece estudo aprofundado. Além disso, é ponto chave para a compreensão deste trabalho.

A objetividade, valor cultuado universalmente como característica do jornalismo noticioso é, segundo Clóvis Rossi, *um mito*. Embora possa haver a sincera intenção pela neutralidade, por parte do repórter e do editor, a

objetividade totalmente neutra é absolutamente impossível, porque a informação em si depende do ponto de vista, das fontes utilizadas numa matéria, e da visão de mundo do jornalista e do veículo. Assim, a mensagem jamais é isenta de opinião, mesmo quando esta surge inconscientemente.

A visão que qualquer jornal, revista ou emissora de TV tem, teve e terá sobre os governos FHC e Lula, é totalmente baseada nos valores vigentes na instituição, na cabeça de seus dirigentes e, até, na mente de seus empregados. Também é impossível descobrir qual é a “verdade absoluta” destas duas épocas, porque esta verdade varia de pessoa para pessoa. Talvez o operário que perdeu o emprego com a modernização da indústria nos anos 90 considere aquela uma época desgraçada, e o outro operário, que gosta de poupar dinheiro, maravilhado com as vantagens de uma moeda forte, considere aqueles os anos de ouro de sua vida. Nenhum dos dois está mentindo, nenhum dos dois está dando uma opinião inválida sobre aqueles anos, e, no entanto, têm pensamentos diferentes. Os dois estão falando a verdade, em última análise.

Assim a imprensa também opera. E no caso do jornalismo, determinar a verdade – ou a versão dela que vai para o papel – passa pelos valores do jornalista e do veículo.

No caso do jornalismo político – pois, inerentemente, qualquer matéria sobre um governo é política – a coisa é mais complexa ainda do que com matérias de outras áreas. Porque um governo pode ser bom ou ruim, variando de momento para momento, e também, dependendo do aspecto analisado. Cada governo tem um rol de prioridades e de metas a serem atingidas. E a partir destes fatores, podemos dizer que, para alguns governantes, crescimento econômico é mais importante do que, por exemplo, preservação ambiental. Se aquele governo obtiver sucesso em suas empreitadas, os ecologistas o classificarão como um retumbante fracasso, enquanto os industriais e operários exultarão de alegria.

A tentativa de determinar a posição de um jornal em relação a um governo é uma tarefa que não poder-se ater a noções e conceitos generalizados, em análises infundadas do tema nem em declarações acerca do assunto feitas por qualquer pessoa. Isso porque acusar um jornal de “parcial” é um recurso usado largamente por políticos quando se vêem expostos a alguma publicidade negativa. Também a visão que o povo em geral tem dos veículos é determinada, em grande parte, pelo papel que aquele veículo tem sobre sua vida e a de seus famosos preferidos.

Este trabalho parte do pressuposto, portanto, de que até a visão mais “imparcial” da realidade é, de alguma forma, parcial, porque sujeita às

distorções de ponto de vista, e porque os jornais só têm espaço para uma ou poucas das infinitas “versões da realidade” possíveis para cada fato. E parte também do pressuposto de que, a partir da visão de realidade exposta nas matérias da Zero Hora, é possível descobrir qual seu ponto de vista. Pelo retrato que o jornal pinta das coisas, é possível saber desde onde ele as está olhando.

1.1. Da construção de uma versão da realidade

A construção da notícia ou reportagem, como já vimos, é feita por seres humanos, carregados de valores e crenças incrustadas na personalidade e no subconsciente. Mas apenas entender que um olhar absolutamente neutro e objetivo das coisas é impossível não encerra a questão, porque, se a parcialidade de ponto de vista tivesse influência apenas sobre a opinião pessoal do jornalista, não haveria um motivo sequer para escrever o presente trabalho.

É preciso estabelecer uma explicação para que a opinião do jornalista, de alguma forma, chegue aos leitores, mesmo em textos escritos sob a total neutralidade de quem os escreve, acerca do assunto tratado.

Entre os fatores que levam o leitor a concluir uma coisa ou outra da leitura de um jornal, estão a linguagem empregada, os aspectos de cada fato

ou assuntos priorizados, e a identificação descritiva dos personagens envolvidos nela.

1.1.1 Linguagem

Por linguagem, entende-se o uso de palavras, construções frasais, citações, ordem de colocação de idéias e adjetivos utilizados para descrever fatos. Duas proposições com semelhança aparente, podem soar completamente diferentes ao leitor. Por exemplo, um *governo com diversas iniciativas que não lograram êxito* é bem diferente de um *governo com diversos fracassos*.

1.1.1.1 Como aumentar ou diminuir números sem alterá-los

Nilson Lage diz que *admitindo dois eventos equivalentes, é mais notável o que tem maior intensidade aferida em números*. E completa, explicando a maneira pela qual um mesmo numeral pode ser descrito de forma a parecer maior ou menor: *milhões e bilhões têm sentido grandiloqüente, a tal ponto que diferenças substanciais perdem o sentido (...) e grandezas expostas em subunidades tornam-se mais impressionantes (10 milhões de quilowatts parecerão mais de 10 mil megawatts, embora a potência seja a mesma)*.

1.1.1.2 Aspectos da realidade – o que é importante e o que não é

O presidente entra na reunião com uma gravata amarela sobre um terno cor de laranja. Uma vez instalado na tribuna com tal vestimenta, dá um discurso coerente e bem composto sobre políticas e combate à AIDS. Quando o jornalista escrever sua matéria sobre esta ocasião, ele terá de optar entre dar algum destaque para o fato de que o presidente estava vestindo uma roupa incomum e falar do conteúdo do discurso. Aqui, inconscientemente, o jornalista fará uma opção entre ressaltar o aspecto “positivo” do personagem, falando de sua inteligência ao discursar, ou “negativo”, falando de seu mau gosto para roupas. É uma escolha inconsciente, feita a partir de critérios subjetivos que não são sempre claros para quem é afetado por eles. Diz Arbex Jr (2001, p. 25): *Não existe 'observador neutro'. Testemunhar um evento é também construí-lo segundo o 'aparelho psíquico' e a formação social e cultural da testemunha.*

2. HISTÓRIA

Este capítulo trata dos principais fatos históricos e das personalidades dos dois presidentes retratados nas matérias em estudo.

2.1. O Brasil antes de FHC

O Brasil, antes do início do governo de Fernando Henrique Cardoso, viveu – segundo Lamounier – uma transformação profunda no modelo de desenvolvimento nacional, tanto industrial quanto econômico.

Economia e indústria são duas áreas que não podem, pela lógica, estar separadas, e a realidade econômica de um país determina o tipo de configuração política geral que ele terá, e as preferências eleitorais de seu povo.

O Brasil, desde a década de 50, com o governo JK, viveu uma fase na qual o desenvolvimento da indústria e da economia nacionais era pautado pela doutrina do *desenvolvimentismo*. O Brasil buscava seguir os mesmos *passos* já trilhados por nações de Primeiro Mundo, realizando um esforço de substituição das importações por produtos nacionais. O processo iniciou-se, de fato, no período das duas Grandes Guerras, mas teve seu momento de maior

aceleração com o governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960). Os governos subseqüentes mantiveram, se não o ritmo ou o formato externo, ao menos a essência do mesmo modelo.

Nos anos 80, com o governo José Sarney, o modelo de desenvolvimento mostrou sinais de esgotamento. As barreiras legais à importação de diversos produtos, que, por muito tempo, fizeram com que a indústria nacional ganhasse corpo e mercados, passaram a ser um obstáculo ao desenvolvimento. Os produtos nacionais, sem a concorrência aberta dos estrangeiros, eram geralmente de baixa qualidade e, não raro, obsoletos. A produtividade da indústria também quase não aumentava mais.

O projeto nacional-desenvolvimentista, que conseguiu hegemonia política no Brasil durante décadas (e que era baseado em intervenção maciça do Estado na economia, com proteção às empresas nacionais e com substituição de importações), foi desmontado – já tinha dado mostras de esgotamento na década de 1980. A exaustão desse modelo foi caracterizada por enorme desequilíbrio financeiro do setor público e pela hiperinflação, que ameaçava desintegrar a própria sociedade (LAMOUNIER, 2002, p. 12)

A inflação, ora galopante, ora descontrolada, engolia o salário dos trabalhadores. Diversos planos econômicos foram tentados para sanar o problema, e até congelamentos de preços foram experimentados, sem sucesso. Em 1989, o Brasil deixou de pagar seus empréstimos aos credores estrangeiros. *Devo, não nego, pago quando puder*, disse o presidente. Quando o governo Sarney chegou ao fim, a situação era aterradora.

Nunca é demais lembrar que o presidente José Sarney, ao deixar o governo ao seu sucessor, Fernando Collor de Mello, em março de 1990, legou a inflação mensal – diga-se mais uma vez, mensal – de 81,32%, medida pelo IGP-DI, da Fundação Getúlio Vargas. Se essa taxa for acumulada em doze meses, encontra-se a inflação anual de 126.184,06%. Naquele momento, portanto, o País vivia uma hiperinflação. (LAMOUNIER, 2002, p.105)

Com a saída de Sarney, e iniciando-se a década de 90, assumiu o governo o presidente Fernando Collor. Collor fez uma tentativa de sanear os problemas da economia brasileira, confiscando boa parte do dinheiro das poupanças e contas correntes dos brasileiros, utilizando o dinheiro para saldar dívidas e fazer investimentos. No entanto, o plano revelou-se desastroso. Ministros da Economia sucederam-se e a situação agravou-se.

Foi no governo de Collor que veio a ruptura com o modelo do *desenvolvimentismo*. A economia e a indústria nacionais sofreram um choque quando o governo abriu as portas do país à entrada de artigos importados de toda ordem. Segundo Lamounier, para *competir com os produtos estrangeiros, sem a proteção do Estado, as empresas aqui instaladas foram obrigadas a fazer pesados investimentos na modernização de seus equipamentos*.

O imediato efeito da inserção do Brasil no mercado globalizado, e da indústria brasileira em um cenário no qual já não teria a proteção estatal no momento de competir, foi a adoção de maquinário mais avançado, e de processos de *downsizing*, para tornar as empresas mais competitivas. Um dos *efeitos colaterais* da mudança de modelo de desenvolvimento foi a disparada dos índices de desemprego. Este processo continuaria por toda a década de 90, e seria um dos maiores obstáculos enfrentados pelo futuro governo de Fernando Henrique Cardoso .

O governo Collor chegou ao fim em 1992. Diante de escândalos e acusações de corrupção, o presidente perdeu o apoio popular. Quando os parlamentares do Congresso Nacional abriram um processo para depô-lo, Collor pediu ao povo que fosse às ruas, com maquiagem e roupas verde-amarelas, em apoio ao seu governo. As ruas encheram-se de multidões vestidas de preto. Collor renunciou, mas mesmo assim acabou julgado e

perdeu seus direitos políticos por uma década. O vice-presidente Itamar Franco assumiu o governo.

No governo Itamar, a inflação continuava tão alta quanto no de Collor, e os sucessivos planos e *pacotes* econômicos eram lançados de tempos em tempos, com o objetivo de conter o processo inflacionário, mas sem resultados.

Ao longo dos governos Sarney, Collor e Itamar, houve diversos *cortes de zeros* da moeda: estes processos de revalorização da moeda nacional consistiam em simplesmente dividir por dez, ou por mil, o valor do dinheiro. Houve um tempo em que um cruzado valia alguma coisa, comprava alguma coisa. Com o tempo, e a inflação, o mesmo produto antes comprado com um cruzado, passava a ser comprado com mil cruzados. Então, o governo fazia um *corte de zeros da moeda*, criando, por exemplo, o cruzeiro, moeda com o valor de mil cruzados: o que custava mil de uma moeda, passava a custar uma unidade da outra. Esta medida era um paliativo para que o valor de itens comuns do cotidiano popular não chegassem a custar bilhões; para que as pessoas não fossem, por exemplo, comprar pão com uma sacola cheia de dinheiro.

Também foram tentados *congelamentos* momentâneos de preços, uma espécie de *moratória da inflação*. Todos os planos, neste sentido, redundaram

em fracasso, porque, durante o congelamento, as empresas trocavam o nome de seus produtos para poderem aumentar seus preços sem infringir a lei. Em outros casos, os produtos sumiam das prateleiras das lojas e só reapareciam se o comprador concordasse em pagar o ágio – acréscimo que compensava o congelamento, de forma ilegal. Uma vez que o governo liberava a inflação, os preços disparavam rapidamente, *compensando* o tempo de não-crescimento.

Durante o governo de Itamar Franco, seu ministro da Economia, Fernando Henrique Cardoso – o primeiro dos presidentes abordados neste trabalho – foi o mentor principal do chamado Plano Real.

A medida parecia ser apenas mais um dos planos destinados a acabar com a inflação. A moeda foi trocada, do cruzeiro para o cruzeiro real. E uma unidade simbólica de valor – a Unidade Real de Valor ou URV – foi criada e passou a valer pouco menos de 2.800 cruzeiros reais.

Neste período, o excesso de dinheiro circulante – determinante da inflação – começou a ser retido, e o valor da URV passou a ser estabilizado através de investimentos de reservas brasileiras em moeda estrangeira.

Em 1994, o cruzeiro real deixou de existir, e uma nova moeda, com o nome de real, e o valor de uma URV, tomou seu lugar. A quantidade e o valor da moeda então atingiram uma quase paridade com o valor real dos bens circulantes na economia brasileira. A inflação estava morta. O Brasil tinha, da

moeda então atingiram uma quase paridade com o valor real dos bens circulantes na economia brasileira. A inflação estava morta. O Brasil tinha, pela primeira vez, uma moeda que valia mais ou menos um dólar. Itamar Franco ficou repentinamente apagado na cena política, e Fernando Henrique Cardoso era o grande herói brasileiro.

Em 1994, ano do real, FHC concorreu à eleição presidencial. Venceu por larga margem sobre todos os seus adversários – entre eles, Lula, seu futuro sucessor. Estava inaugurada a chamada Era FHC.

O real surtiu efeitos e, já em janeiro de 1995, o volume de consumo dos mais diversos produtos – como creme dental, viagens domésticas de avião, biscoitos e outros – havia aumentado. O consumo de leite subiu, de 110,8 litros por habitante em 1994 para 134,1 em 1995. O consumo de carne de frango, de 19,65 quilos anuais por habitante em 1994 passou para 23,31 em 1995. O de café em pó, de 1,56 para 1,81 quilos anuais *per capita*. O de cerveja, de 28,5 litros para 31,8 anuais. (dados da Consultoria Simonsen & Associados e Instituto ACNielsen) (*in* LAMOUNIER, 2002, p.80).

2.2. Antes e durante o governo de Fernando Henrique Cardoso

O período de governo de Fernando Henrique Cardoso durou oito anos. Foi o segundo mais longo de nossa história republicana, perdendo apenas para

o de Getúlio Vargas (1930-1945). Encontra-se entre o governo Itamar Franco (que na realidade era o vice de Fernando Collor de Mello), e o governo Lula. Ou seja: Fernando Henrique iniciou seus trabalhos herdando um país combalido pelos revezes econômicos dos governos Figueiredo, Sarney e Collor, e abalado pelas crises políticas do quadriênio anterior.

De 1995 a 2002, o Brasil passou por um período democrático de estabilidade política e econômica sem igual na sua história. No entanto, uma série de episódios como invasões do MST, a crise energética, e outros, abalou a imagem do presidente.

Durante o governo de Fernando Henrique, foi aprovada a Lei de Responsabilidade Fiscal, visando coibir administrações irresponsáveis nas esferas federal, estadual e municipal. Essa lei trouxe conseqüências para diversas administrações, pois elas tiveram que rever suas políticas de gastos, contratação de empréstimos e renegociação de dívidas.

Também data desse período a privatização de diversas companhias estatais, com a entrega de concessões totais ou parciais a empresas privadas da exploração de serviços como a telefonia; de matérias-primas como, o petróleo, e outros.

2.3. Quem é FHC, de onde veio e como começou seu governo

Nascido em 1931, o FHC, como ficaria famoso, é natural do Rio de Janeiro, mas passou a maior parte da vida em São Paulo. Sociólogo, Fernando Henrique há muito goza da fama de intelectual, de homem das letras.

Professor de Ciência Política e Sociologia na Universidade de São Paulo; de 1982 a 1986; presidente da Associação Internacional de Sociologia; membro do Instituto de Estudos Avançados de Princeton; desde 1984, membro estrangeiro da Academia Americana de Artes e Ciências; também diretor associado da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris; professor-visitante na *Collège de France*, e da *Paris-Nanterre University*. Também atuou em universidades americanas incluindo a Universidade de Stanford e a Universidade da Califórnia.

Em 1962, publicou o livro *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Esteve exilado por curto período, por sofrer perseguição como intelectual de esquerda, durante os anos sessenta, retornando ao país em 1969. Neste período, escreveu *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, no qual desmascara o caráter simplista da idéia *desenvolvimentista* que guiava as políticas de desenvolvimento econômico do período. Em 1978, elegeu-se senador pelo MDB (Movimento Democrático Brasileiro); em 1986, foi reeleito para o mesmo cargo pelo PDMB.

Em 1988, foi um dos membros fundadores do Partido da Social Democracia Brasileira, o PSDB, em grande parte saídos do PMDB. Até 1992, foi o líder do partido no Senado, e de outubro de 1992 a maio de 1993, deixou o Legislativo para trabalhar como ministro das relações exteriores. Em 1993, trocou de pasta, tornando-se ministro da economia.

Foi neste último cargo que Fernando Henrique liderou a formulação do plano real, de grande sucesso na contenção da inflação, o que lhe rendeu prestígio para concorrer – e vencer – as eleições presidenciais de 1994.

Ao longo de sua carreira acadêmica e política, conquistou inúmeros títulos honoríficos em institutos e universidades ao redor do mundo, e recebeu uma quantidade expressiva de medalhas e comendas. Seus títulos incluem o de doutor honorário em Direito pela *Rutgers University*, em 1978; as medalhas do *Rotary Club International* e do *Lions Club International*, ambas de 1995; mais de dez títulos de doutor honorário em diversas disciplinas em universidades diversas, localizadas na América Latina, Europa e outros continentes. Além de algumas comendas e condecorações militares por força do protocolo em relação ao presidente do Brasil, e de outras, ganhas por méritos diversos.

2.4. O governo FHC

O primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso foi pautado por dois assuntos principais: a estabilidade da nova moeda, com a queda da inflação e a manutenção de um câmbio mais ou menos estável com relação ao dólar, e o desemprego, que passava a aflorar como principal *fantasma* do povo brasileiro.

No dia da posse de FHC, passou a valer o Tratado de Assunção, assinado pelo governo Collor, implantando o Mercosul (Mercado Comum do Sul). O acordo incluía Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil em uma área de livre comércio, facilitando o trânsito de valores e de mercadorias. No primeiro mandato de Fernando Henrique, o bloco funcionou com relativa tranquilidade.

Ainda em 1995, o presidente concentrou esforços pela formação de uma base parlamentar sólida para o governo, garantindo a aprovação de reformas consideradas necessárias à modernização nacional. Entre estas, a quebra do monopólio nacional da exploração de petróleo e das telecomunicações, além da modificação do conceito de *empresa nacional*, visando não discriminar o capital estrangeiro. Outras reformas incluíam a mudança do estatuto dos servidores públicos e na previdência social.

A reforma das regras que regem a vida dos funcionários públicos foi particularmente tumultuada pela ação dos sindicatos representantes das

categorias de servidores. A desinformação e os boatos sobre o teor e os objetivos da reforma espalharam-se pelo país todo.

Cuidado! Não se deixem enganar pelo lobo vestido em pele de cordeiro. Ele quer privatizar os serviços públicos. A proposta de Reforma Administrativa do Governo Federal vai enfraquecer o Estado brasileiro. Vamos recuperar o serviço público com a profissionalização do servidor e também aplicando melhor o dinheiro do contribuinte. Só assim teremos escolas, hospitais, policiamento.. De boa qualidade para todos. Acordem enquanto é tempo, pois o bote do lobo está próximo!!! (Cartaz encontrado nos muros de Florianópolis/SC – anexo 1)

Ao longo do primeiro governo, e com o objetivo de dar continuidade ao plano real, FHC aumentou a taxa de juros, desaquecendo a demanda interna e a desvalorização da moeda, medida que promoveu a exportação e ajudou a equilibrar a balança comercial. No final do primeiro ano do governo, começou uma recessão caracterizada pela inadimplência do consumidor popular, queda do consumo, e demissões em massa de trabalhadores das mais diversas áreas.

As medidas relacionadas à reforma agrária, tema de controvérsias no Congresso Nacional, acabaram tendo sua implementação prática protelada, quando não negada, levando ao crescimento dos conflitos no campo. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra começou um ciclo de invasões de terras e manifestações de revolta pelo país todo.

A dependência externa aumentou no primeiro quadriênio de Fernando Henrique, como pode-se constatar, por exemplo, pelo salto da dívida interna, 60 para 500 bilhões de dólares no período. No final de 1997, uma crise na bolsa de valores de Hong Kong alastrou-se pelo resto do mundo, atingindo o Brasil gravemente. As reservas monetárias brasileiras, que eram de 72 bilhões de dólares em abril de 1997, passaram a 42 bilhões em outubro do mesmo ano. O governo então reagiu com o aumento da taxa de juros e com o anúncio de medidas econômicas para evitar a saída de divisas.

O Brasil conseguiu um empréstimo emergencial de 40 bilhões de dólares do FMI, condicionado à adoção de medidas visando o aumento da arrecadação, desvalorização cambial do real, e diminuição dos gastos públicos. Estas medidas levaram à diminuição da atividade econômica e ao aumento do desemprego.

Em 1998, ainda evitando a desvalorização do real, o presidente foi reeleito.

De 1999 em diante, como consequência da desvalorização da moeda brasileira, o Mercosul passou por diversos atritos, inclusive, com a aproximação das negociações para a formação da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), um novo bloco a ser criado tendo como maior país membro os Estados Unidos.

O segundo mandato, de 1999 a 2002, foi marcado pelos conflitos no campo, pelas variações de valor do real, e pelo crescimento da oposição política. Esta, marcada em especial pelo slogan *Fora FHC e FMI*, empunhado por organizações sindicais e partidos políticos de extrema esquerda.

A imagem do presidente também sofreu diversos revezes neste segundo quadriênio. Com o distanciamento temporal da época da hiperinflação, o povo brasileiro passava a preocupar-se com o desemprego, matéria na qual o governo Fernando Henrique não conseguia encontrar soluções tão eficazes quanto a encontrada para sanar a inflação. As privatizações promovidas pelo governo foram objeto de duras críticas, e seus opositores divulgavam opiniões diversas, considerando os valores pagos pelas companhias vendidas baixos demais. Em 1997, FHC havia conseguido aprovar reforma desindexando os salários em relação á inflação, e abrindo o caminho para negociações diretas entre patrões e empregados. As entidades sindicais em sua grande maioria reclamaram desta medida.

Já em janeiro de 1999, enquanto o Brasil negociava acordos com o FMI, o governador mineiro Itamar Franco declarou uma moratória de 90 dias nos pagamentos das dívidas de seu Estado. Na primeira metade deste ano, com a troca constante de direção do Banco Central e a desvalorização do real, surgem denúncias contra ex-dirigentes do BC, acusados de favorecer bancos determinados privados. Estas denúncias levam à instalação de uma CPI, desgastando a imagem do governo recém-reempossado.

Em julho de 1999, os caminhoneiros realizaram uma greve geral, estancando quase todo o tráfego de mercadorias no Brasil, exigindo a redução dos preços dos pedágios e a revisão dos valores de fretes. Em agosto, partidos de oposição realizam a *marcha dos cem mil*, reunindo, de fato, apenas 60 mil pessoas em Brasília, para demonstrar seu desagrado com o governo. Em setembro do mesmo ano, uma pesquisa do Ibope indica que 67% dos brasileiros *afirmam não confiar no presidente Fernando Henrique*.

Em outubro, o governo reage lançando o *Avança Brasil*, um plano plurianual de investimentos da ordem de um trilhão de reais, com o objetivo de aquecer a economia. A meta inicial era obter 4% de crescimento econômico no ano seguinte, e este objetivo foi superado em quase meio ponto percentual.

Os anos de 2001 e 2002 transcorreram pontuados por crises de mercado internacionais que atingiram o Brasil em graus variados. No campo, foram estes anos marcados pelo aumento das atividades do MST, e por crescentes manifestações sindicais nas cidades.

Problemas como o desemprego, o crescimento econômico desacelerado, as baixas reservas monetárias em posse do Estado brasileiro, e acusações variadas, veiculadas pela imprensa, envolvendo corrupção nos processos de privatização de companhias públicas, concorreram para o enfraquecimento ainda maior da imagem do governo perante o povo.

Em outubro de 2002, em um momento de particular fragilidade da administração FHC, ocorreram as eleições presidenciais. O candidato do governo, José Serra, associado a todas as mazelas existentes no Brasil de Fernando Henrique, acabou derrotado no segundo turno por Lula, o *candidato da esperança*, apoiado por sindicatos, pelo MST e por um número expressivo de militantes, do PT, além dos grupos políticos derrotados no primeiro turno da eleição.

2.5. O Brasil antes de Lula

Como vimos, a criação do Plano Real lançou o ex-ministro FHC ao poder. De 1995 a 1998 – primeiro mandato de Fernando Henrique – o real

manteve aproximadamente o valor do dólar. Esta valorização da moeda brasileira foi obtida através da compra e retenção de moeda estrangeira, e de inúmeras outras medidas. A inflação também foi mantida em níveis próximos ao zero ou, fazendo uma análise pessimista, ao menos abaixo de 10% ao ano. A classe média passou a consumir mais bens duráveis, e a poupança voltou a ser uma alternativa válida de investimento das rendas populares.

No entanto, as taxas de juros eram altíssimas. E as taxas de juros eram conseqüência direta da política de manutenção da moeda estável externa e internamente. O câmbio fixo (dólar = real) pressupunha a manutenção de juros muito altos, para atrair capitais necessários ao financiamento do *déficit* em conta corrente do balanço de pagamentos. Não havia como baixar juros sem comprometer o valor do real. A economia sofria com os revezes empresariais por conta destes juros (que levou à falência muitas empresas, principalmente nos setores têxteis, de calçados e autopeças), gerando desemprego. O processo de modernização industrial herdado da Era Collor continuava, e, com isso, o efeito desastroso do novo modelo econômico sobre os empregos tornava-se pior ainda.

Em 1998, usando de um novo dispositivo legal – permitindo a reeleição de ocupantes de cargos do Poder Executivo – o presidente Fernando Henrique Cardoso conseguiu vencer o pleito à presidência, sendo reconduzido

ao cargo em janeiro de 1999. O ano de 1998 foi, no entanto, o recordista em desemprego, e nada menos que 7,60% da População Economicamente Ativa (PEA) brasileira estava sem trabalho (segundo a Taxa Geral de Desemprego Aberto calculada pelo IBGE).

Em janeiro de 1999 – logo no início do segundo mandato - o mercado obrigou finalmente o governo a desvalorizar o real. As reservas de que o Brasil dispunha para gastar com a estabilidade estavam caminhando para a escassez – como foi noticiado nos principais meios de comunicação da época – e boa parte da equipe do governo FHC vinha argumentando com o presidente, desde 1997, sobre a necessidade de permitir-se a desvalorização. A moeda sofreu uma maxidesvalorização nominal de 40%. A economia nacional recuperou-se um pouco depois, e as exportações começaram a aumentar em decorrência do câmbio mais favorável à venda para o estrangeiro.

Em 2000, a economia brasileira cresceu 4,46% em termos reais. O desemprego, com isso, diminuiu um pouco, caindo para 7,10% da PEA (ainda segundo a Taxa Geral de Desemprego Aberto calculada pelo IBGE). E então, veio o ano de 2001 – desastroso em muitos sentidos, e com grandes desgastes políticos à imagem do presidente Fernando Henrique. No final do ano, ocorreu uma crise política, quando lideranças do PFL romperam com o governo. FHC impediu, ainda, a instalação da chamada “CPI da corrupção”, o que lhe rendeu

a perda de muito prestígio. Em seguida, surgiu a crise da energia: os brasileiros foram informados de que teriam de racionar 20% do consumo de energia elétrica.

A economia brasileira era, naquele momento, bastante vulnerável, e crises em lugares distantes – como a Ásia – arrastavam junto o país. Então, após o *apagão*, aconteceu a crise da Argentina. O valor do real, diante do dólar, sofreu uma abrupta queda. E com os atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, a economia daquele país sofreu um revés, golpeando também a brasileira.

No final da Era FHC, o principal assunto dos meios de comunicação já não era a inflação – que desde 1994 estava sob controle – e sim, o desemprego, novo *bode expiatório* das mazelas nacionais. FHC conseguiu fechar o ano de 2001 com uma taxa de apenas 6,2% da PEA sem emprego. Mas isso não foi o suficiente para sobrepujar o efeito negativo das crises do período.

O ano de 2002 foi o ano da eleição que levou Luís Inácio Lula da Silva ao poder. Neste ano, o governo FHC já estava chegando ao fim.

Nas eleições para presidente daquele ano, o PSDB, partido de Fernando Henrique, indicou como sucessor o então Ministro da Saúde, José Serra. Serra foi um dos ministros mais populares da Era FHC, por diversas

razões. Uma delas, o fato de ter ganho reconhecimento internacional em sua luta contra a disseminação da AIDS no país. Também, suas atitudes na contenda envolvendo laboratórios que detinham a patente de remédios para prolongamento da vida dos infectados, já que o governo brasileiro quebrou as patentes para poder fabricar esses medicamentos a preços acessíveis.

No entanto, o desemprego, embora iniciando uma queda, ainda castigava a população. O *apagão* e os efeitos das crises internacionais, como se viu, tudo concorreu para que a campanha de Serra – atrelada à imagem de FHC – obtivesse resultados pífios. Para completar, o próprio candidato do PSDB era bem menos carismático que seu antecessor.

Lula, o candidato da oposição, por sua vez, congregou uma frente ampla de partidos políticos diversos, e vinha com um discurso completo sobre como resolver os principais problemas do Brasil. Não tendo nunca ocupado qualquer cargo eletivo no poder executivo, Lula não tinha sua imagem desgastada. Prometeu criar dez milhões de empregos em quatro anos – tocando assim no *problema do momento* dos brasileiros – assumindo compromissos com os grupos sociais mais diversos. Ao MST, prometeu reforma agrária e, aos empresários, a prosperidade e a queda da carga tributária. Ao povo, a melhoria dos serviços públicos. Enfim, prometeu fazer tudo o que FHC – e por extensão, Serra – não fizeram ou fariam no governo.

A eleição decidiu-se no segundo turno, e nele, os maiores partidos adversários derrotados assumiram compromissos com o candidato do PT. Com a maior votação da história do Brasil, Lula venceu. Assumiu o cargo de presidente em janeiro de 2003.

2.6. O Brasil antes e durante o governo Lula

Lula herdou um Estado com instituições e práticas democráticas solidificadas pelos oito anos de presidência de seu antecessor, com a inflação sob controle há quase uma década, graças ao plano real, uma trégua de alguns meses anunciada amplamente em toda a imprensa pelo Movimento dos Sem Terra, e o apoio de uma ampla base parlamentar.

. Porém, uma série de reformas – trabalhista e tributária, entre outras – elaboradas durante o governo anterior, estavam prestes a entrar em pauta e criar polêmica logo no início do mandato do novo presidente.

O governo Lula caracterizou-se pela manutenção dos compromissos e de grande parte das práticas econômicas e sociais do governo anterior, bem como da fixação do Brasil como potência da América Latina no cenário internacional.

2.7. Quem é Lula, de onde veio e como começou seu governo

Nascido Luiz Inácio da Silva, em Caetés, no interior de Pernambuco, em 1945, Lula mudou-se com sua família, aos 7 anos de idade, do nordeste para a cidade de Guarujá, no litoral paulista, em busca de melhores oportunidades de vida. Em 1956, mudou-se para a cidade de São Paulo.

Adulto, Lula fez curso profissionalizante no SENAI, formando-se metalúrgico e ingressando no trabalho industrial. Alguns anos depois, mudou-se para São Bernardo do Campo, cidade periférica da região metropolitana de São Paulo, onde travou os primeiros contatos com o meio sindical, no ano de 1968. No ano seguinte, Lula foi eleito para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos daquela cidade. Em 1975, passou a ser o presidente do sindicato. Reeleito em 1978, liderou as primeiras greves de sua categoria profissional desde o movimento militar de 1964. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores, organização política que congregava uma infinidade de grupos políticos e sociais, como por exemplo, a Tendência Trotskista Internacionalista, clérigos e fiéis católicos ligados à Teologia da Libertação, ex-membros do Partido Comunista Brasileiro, pensadores social-democratas e *eurocomunistas*, além de outros.

Pelo PT, Lula concorreria em diversas eleições ao longo da década de 80. Candidato a governador de São Paulo, em 1982, perdeu. Em 1984,

engajou-se na luta pelas “Diretas Já”. Em 1986, elegeu-se deputado federal, participando da constituinte de 1988. Em 1989, Lula tentou a corrida pela presidência da república, com uma plataforma de esquerda, defendendo reforma agrária, cobrança de impostos progressivos aos mais ricos, e aumento do poder de consumo e decisão das camadas populares mais baixas, mas foi derrotado no segundo turno pelo candidato do PRN, Fernando Collor de Mello.

Em 1994, Lula tentou novamente vencer a disputa para Presidente. No entanto, em meio à euforia criada pelo Plano Real, e pelo fato de Fernando Henrique Cardoso ser, já então, um dos intelectuais mais respeitados do Brasil, a eleição transcorreu sem que nenhuma pesquisa contrariasse o desfecho final da votação: Fernando Henrique venceu com grande vantagem sobre os demais candidatos. Em 1998, a mesma história se repetiu, e FHC derrotou Lula e os demais concorrentes, já no primeiro turno.

Em 2002, Fernando Henrique, impedido pela lei eleitoral de concorrer à reeleição, lançou como candidato seu ministro, José Serra. Lula tentou pela quarta vez vencer a eleição presidencial. Desta vez, o candidato do PT apareceu ao público com uma imagem mais amena e alegre do que nas eleições anteriores. Ao invés do sindicalista cheio de reivindicações visto em 1989, 1994 e 1998, o Brasil foi apresentado com um Lula “paz e amor”, como

descrito na época por setores da imprensa. O candidato escreveu uma “Carta aos evangélicos”, uma “Carta ao povo brasileiro”, e outros documentos, publicados no país inteiro, falando de união nacional, desenvolvimento e ruptura com o sistema *neoliberal* do governo anterior. Além disso, reuniu uma ampla frente de partidos políticos ao seu redor, abrindo concessões em diversos pontos do programa original do PT. O vice-presidente de sua chapa, por exemplo, era um grande empresário e político do Partido Liberal, José de Alencar. No segundo turno da eleição, disputado entre Lula e José Serra, do PSDB, os adversários derrotados, Ciro Gomes (PPS) e Anthony Garotinho (PSB) alinharam-se ao ex-sindicalista. José Maria de Almeida (PSTU), e Rui Costa Pimenta (PCO), simplesmente abandonaram a disputa e não reverteram votos para nenhum dos dois concorrentes restantes. No final, Lula ganhou com mais de 50% dos votos.

2.8. O governo Lula

O governo Lula iniciou-se congregando uma ampla gama de partidos políticos – todos aqueles que estavam na chapa presidencial junto ao PT, e mais os aliados de última hora, amealhados no segundo turno da eleição. Por isso, a divisão dos ministérios e de cargos de confiança contemplou nomeações para quase uma dezena de siglas.

O governo Lula foi, no início, abalado pela crise interna do Partido dos Trabalhadores. As reformas previdenciária, tributária e trabalhista, articuladas pelo governo, foram combatidas pelas alas *radicais* do PT, setores de esquerda do partido, apegados ao programa original da legenda, e não ao programa *moderado*, formulado dentro de um consenso dos partidos envolvidos na coligação, e apresentado na campanha de Lula. O conflito entre as alas do PT agravou-se e, quando alguns parlamentares do grupo *radical* votaram contra as medidas governamentais, foram submetidos a processos de ética dentro do partido, sendo expulsos do mesmo, logo em seguida. As duas conseqüências imediatas destes acontecimentos foram a diminuição da bancada governista no Senado e na Câmara de Deputados, e o desencadeamento de conflitos internos mais intensos dentro da legenda do presidente.

Somando-se ao conflito entre os *radicais* e *moderados* do PT, agravou-se na continuidade do governo Lula um processo de erosão da base aliada do Partido dos Trabalhadores. Nas eleições municipais de 2004, o Partido Socialista Brasileiro, por exemplo, lançou candidaturas próprias em diversas partes do Brasil. No Congresso Nacional, o PSB também demonstrou, a partir daí, crescente independência em relação ao PT.

Um dos mais importantes projetos do governo Lula é o intitulado “Fome Zero”. Anunciado, a princípio, com grande alarde nos meios de comunicação, alcançou pouca ação prática. Meses depois do início da divulgação de tal programa, colunistas de opinião, em diversos veículos por todo o Brasil, começaram a falar da pouca consequência real de tal projeto. A idéia por trás do “Fome Zero” é recolher doações de empresas e particulares por diversos meios, somar verbas governamentais ao montante dos donativos, e doar os valores a regiões desfavorecidas do Brasil, para que combatam a fome junto à população.

Outro programa semelhante é o “Bolsa Família”, que distribui dinheiro a famílias de baixa renda que tenham filhos comprovadamente freqüentando a escola. Apesar da aparente simplicidade e inteligência desta ação, o “Bolsa Família” foi, desde o início, alvo de suspeita, por conta de denúncias envolvendo prefeituras de interior, cadastros fraudados e, até, a inclusão de famílias de classe média em algumas localidades.

Contrariando as correntes mais à esquerda dos partidos envolvidos na chapa que elegeu Lula, o novo governo renovou acordos com o FMI (antes tão criticados pelo PT), deixando de renová-los apenas em 2005, passado mais da metade do mandato do presidente, e já em uma época na qual começam a

surgir projetos e pré-candidaturas para a próxima eleição presidencial, em 2006.

Lula é ainda alvo de críticas da imprensa e da sociedade, por tomar atitudes como, por exemplo, negar reajustes mais significativos ao salário mínimo nacional e, ao mesmo tempo, comprar um avião que custou mais de 150 milhões de reais.

Na relação com a comunidade internacional, o governo adotou uma linha de ação diplomática visando a inclusão do Brasil como um dos países membros do Conselho de Segurança da ONU, além de fazer esforços pela liderança do bloco latino-americano.

2.9. Histórico do jornal Zero Hora

O jornal Zero Hora foi fundado em maio de 1964 e, em 1970, passou por uma gravíssima crise financeira, sendo, então, assumido totalmente pela família Sirotsky, e incorporado ao grupo já pertencente a seus novos proprietários, que incluía uma estação de rádio e outra de televisão – a futura RBS.

A partir desta troca de proprietário, ZH passou por profunda mudança editorial. Se antes priorizava matérias sobre crime e fatos violentos em sua

capa, a partir dali, passou a ser um jornal mais voltado à política, sociedade e notícias gerais.

E foi assim que se iniciou a integração do jornal Zero hora á RBS. Uma das idéias foi mudar o nome do jornal, pois Maurício tinha adquirido os direitos da marca O Estado do Rio Grande, antigo órgão do extinto Partido Libertador. Mas acabou mantido o nome Zero Hora, com uma providência: tirar o azul do logotipo e o sangue das manchetes de capa, rompendo o vínculo com as heranças sensacionalistas do passado. (SCHIRMER, 2002, p.73)

Em 1973, a redação do jornal sofreu um incêndio, mas mesmo assim, a edição do dia seguinte saiu, sem problemas. A redação do periódico então tinha um número reduzido de profissionais, e o jornal lutava desesperadamente para sobreviver diante do Correio do Povo, o grande jornal da época. Em 1974, ZH lançou seu jornal vespertino, o Hoje, para competir com a versão vespertina do Correio do Povo, a hoje extinta Folha da Tarde. Em julho de 1975, no entanto, o Hoje, não tendo vencido a Folha, foi fechado. Seus profissionais foram transferidos para o corpo regular da redação de ZH, o que conferiu, a partir daí, uma melhor qualidade às matérias deste.

Em 1978, Zero Hora lançou seu caderno de classificados, investindo em uma estrutura de captação destes anúncios bem superior e mais dispendiosa do que seu concorrente direto. Oferecendo preços sempre abaixo dos do jornal da Caldas Júnior, ZH conseguiu consolidar-se, conquistando, no primeiro ano, a metade deste mercado e, em três anos, sobrepujando todos os seus concorrentes. Em 1984, o Correio do Povo faliu, e Zero Hora consolidou-se como o grande jornal gaúcho.

3. ANÁLISE DAS MATÉRIAS

Neste capítulo, desenvolvemos as análises de matérias que permitem a avaliação do posicionamento editorial do jornal Zero Hora em relação aos governos de Fernando Henrique Cardoso e Lula.

Foram escolhidas matérias de períodos semelhantes dos dois governos (resultado da eleição, posse e um ano de governo), para que se possa fazer um trabalho o mais científico e imparcial possível.

3.1 Matérias sobre o governo FHC

As matérias aqui analisadas são as seguintes: “FHC é o futuro presidente”, escrita no dia 4 de outubro de 1994, durante a então lenta apuração dos votos. Naquele dia, já era possível prever, a partir de pesquisas de boca-de-urna, que o senador tucano seria o vencedor; “A geração esperança chega ao poder”, publicada no dia após a posse do novo presidente; e uma matéria publicada na edição do dia 31 de dezembro de 1995, dando um balanço do primeiro ano do governo: “Brasileiros dão nota 6,2 ao governo”.

3.1.1 FH é o futuro presidente

Matéria ocupando três colunas, das cinco, da capa de ZH, publicada no dia 4 de outubro de 1994, logo após a votação do primeiro turno das eleições.

Título: *FH é o futuro presidente*

Subtítulo: *Todas as pesquisas apontam a vitória do senador do PSDB já no primeiro turno.*

Texto: *O senador Fernando Henrique Cardoso, candidato do PSDB, foi eleito presidente da República. As pesquisas de boca-de-urna do Datafolha e do Ibope registraram a vitória de FH no primeiro turno da maior eleição da História. Pelo Datafolha, FH ficou com 47% dos votos, nove pontos a mais que a soma dos concorrentes. Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, aparece com 24%. Pelo Ibope, o senador do PSDB tem 46% e Lula, 23%. A vantagem do senador sobre os adversários é de sete pontos.*

3.1.1.1 Análise

A matéria aqui apresentada fala de índices de pesquisas de boca-de-urna porque, em 1994, a votação foi feita apenas parcialmente com as urnas eletrônicas. Enquanto as grandes cidades já utilizavam o novo método, as cidades do interior ainda realizavam as eleições em urnas tradicionais. Por

isso, a apuração demorava alguns dias. Nestes dias, no entanto, eram feitas pesquisas e levantamentos de resultados parciais. No caso, a eleição de FHC já podia ser prevista pelos resultados parciais e pelas pesquisas antes do fim das apurações, dada sua larga vantagem sobre todos os demais concorrentes.

O texto curto da matéria (três quartos do espaço da matéria são ocupados por uma fotografia do candidato sorrindo) fala apenas dos índices de votação. Aqui, é importante ressaltar o grande destaque dado à comparação dos votos de Fernando Henrique com os de Lula, seu concorrente mais forte, e que obteve, em qualquer uma das pesquisas citadas, aproximadamente, apenas a metade dos votos do vencedor.

3.1.2 A geração esperança chega ao poder

Reportagem especial em duas páginas sobre a posse de Fernando Henrique, publicada no dia 2 de janeiro de 1995.

Título: *A geração esperança chega ao poder*

Subtítulo: *Fernando Henrique esbanja elegância no dia da posse e leva para a Presidência os sonhos de um Brasil mais justo.*

Texto: *Pausada, firme e refletindo a convicção de que as 28 palavras do juramento marcavam um compromisso com a História, a voz de Fernando Henrique Cardoso ecoou pelo plenário da Câmara de Deputados, às 16h*

41min do dia 1º de Janeiro de 1995. “Prometo manter, defender e cumprir a Constituição, obedecer às leis, promover o bem geral do povo brasileiro e sustentar a união, a independência e a integridade do Brasil”, jurou Fernando Henrique. Dois minutos depois, o presidente do Congresso, Humberto Lucena, proclamou Fernando Henrique Cardoso presidente da República Federativa do Brasil.

*A posse do 38º presidente brasileiro foi caracterizada por um sentimento que os brasileiros sentem renascer desde o sucesso do Plano Real: a esperança. “Minha geração embalou o sonho de um Brasil ao mesmo tempo democrático, desenvolvido, livre e justo”, começou o pronunciamento de FH. “O Brasil tem lugar reservado entre os países bem sucedidos do planeta no próximo século”. Com o plenário do Congresso lotado – apesar de não estarem presentes muitos parlamentares da oposição -, Fernando Henrique foi aplaudido três vezes ao longo do discurso de 29 minutos. FH ouviu aplausos quando agradeceu ao ex-presidente Itamar Franco, ao garantir que pretende retirar privilégio da minoria em benefício da maioria e durante a menção ao Programa Solidariedade, com o qual pretende combater a miséria e a fome. **

* O texto integral da matéria encontra-se no Anexo III deste trabalho.

Legenda da foto: *Otimismo e firmeza: Fernando Henrique declarou guerra ao clientelismo, ao corporativismo e à corrupção.*

3.1.2.1 O título

O título da matéria é bastante explicativo. Ao dizer que a *geração esperança* chega ao poder, o jornal refere-se à geração de políticos à qual o novo presidente pertence: aqueles que lutaram contra o regime militar, dentro da chamada *oposição consentida* do MDB.

Fernando Henrique também faz parte de uma geração de pensadores que, em uma determinada época, entre os anos 60 e 70, apresentaram teorias e teses de contestação ao modelo de desenvolvimento nacional vigente desde os tempos de Getúlio Vargas. O título também faz uma possível referência ao fato de FHC ser o primeiro presidente eleito entre políticos que não são oriundos da antiga ARENA. Nesta lista, deveria estar incluído o presidente Itamar Franco, mas este não fora eleito, e sim empossado como substituto de Fernando Collor, afastado pelo processo de *impeachment* que corria no Congresso Nacional.

Fernando Henrique, com sua fama de intelectual e democrata, inaugurava uma nova geração de presidentes, os jovens da luta democrática (seu sucessor, Lula, também faz parte deste grupo), encerrando um ciclo de

governantes tacanhos, obtusos e formados no seio clientelista dos governos arenistas.

O título, referindo-se à *esperança*, lança mão de um recurso comum a quase todos os discursos de posse de novos governos: deixa claro que o governo anterior – com todas as naturais notícias ruins, os índices baixos, e os eventuais escândalos que possam ter ocorrido – está morto e enterrado, dando lugar a um *Brasil novo*, possivelmente melhor, em que tudo é possível e no qual tudo será melhor do que antes. A mensagem é clara: *esqueçam o passado, porque o futuro começou*. Como nenhum governo é perfeito, no início do próximo, a imprensa utilizará outra vez a mesma lógica.

3.1.2.2 Grandeza

O episódio da posse presidencial brasileira tem óbvia importância para o mundo, sendo o Brasil o maior país da América Latina, o quinto maior do mundo, e a potência econômica dominante do Mercosul. Nesta matéria, tal importância é confirmada.

A presença de chefes de Estado e de representações estrangeiras à solenidade é descrita nos mínimos detalhes, com a citação dos nomes de cada um dos principais líderes presentes. A parte do texto que sintetiza de forma mais perfeita a grandiosidade do evento é a que diz que a *posse do novo*

presidente foi uma das mais concorridas cerimônias do país nos últimos anos. O fato de ter sido marcada para o primeiro dia do ano não reduziu a presença de convidados estrangeiros. Onze chefes de Estado participaram das 114 representações internacionais incumbidas de assistir à confirmação de FH na Presidência.

E existe um motivo para a presença de tão ilustre platéia. O presidente atrai líderes e diplomatas internacionais porque, em suas andanças durante o exílio, e nas palestras dadas no exterior em sua vida de sociólogo famoso, conheceu pessoas importantes dos mais diversos cantos do mundo. Esta idéia é expressa de maneira muito clara na referência à audiência do presidente português: *Fernando Henrique Cardoso dedica seu primeiro dia de trabalho como presidente da República aos presidentes, vice-presidentes e representantes das delegações estrangeiras que vieram para a posse. A primeira audiência de hoje, às 9h30min, no Palácio do Planalto, será concedida a um amigo pessoal, o presidente de Portugal, Mário Soares. Os dois se conhecem há mais de 30 anos.*

3.1.2.3 Retrato do presidente

Esta passagem refere-se ao aspecto físico do presidente Fernando Henrique, e a palavra chave para descrevê-lo, segundo o autor da reportagem,

é *elegância*. A palavra aparece no subtítulo, e depois, duas vezes no corpo do texto.

A idéia é reforçada no quarto parágrafo do texto, em uma frase que traz a descrição exata de uma impressão do repórter: *Até a faixa, amarfanhada em Itamar Franco, ganhou mais elegância ao ser envergada por FH.*

Pode ser que esta observação tenha uma origem real, física, já que o novo presidente é mais alto e robusto que Itamar. Mas trai a intenção de retratar FHC como um homem fino, educado, e fisicamente bem ajustado. Um contraste óbvio com seus antecessores: Figueiredo, um general forte e alto, mas extremamente grosseiro; Sarney, dado a episódios de truculência, além de gordo e baixo; Collor, bonito, alto e forte, mas grosso e corrupto; e Itamar, marcado por episódios vexatórios (como um envolvendo uma mulher sem calcinhas dançando ao seu lado), além de parecer fisicamente fraco.

A imagem de *elegante* aqui construída, combina perfeitamente com sua já consagrada fama de *intellectual*. Somando-se a isso as referências à adequação física do novo presidente à faixa presidencial, temos um homem, em todos os aspectos, quase perfeito. Mas os elogios não param.

O presidente, além de elegante, inteligente e forte, é também muito simpático, porque, *no percurso cumprido em carro aberto do Congresso ao Planalto, levantou-se várias vezes para acenar à multidão. Ao completar a*

subida da rampa do palácio, abriu os braços antes de chegar perto do amigo Itamar. E além disso, é humilde, pois não demonstrou um traço de egoísmo, compartilhando até mesmo sua vitória eleitoral no momento em que tomou o braço de Itamar e o ergueu, como se partilhasse a vitória com o antecessor. Para completar, tem idéias firmes: O presidente não demonstrou apenas afabilidade. Fez um discurso otimista e esperançoso sem abrir mão da firmeza.

O retrato do Fernando Henrique conclui-se, acrescentando-se à sua já formidável imagem uma conduta moral de combate à corrupção – se analisarmos bem, uma versão moderna da *caça aos marajás* de Collor – expressa na legenda da fotografia, e na passagem: *FH advertiu ainda que não hesitará em cortar privilégios de minorias para favorecer à maioria. “Com serenidade, como é do meu feitio, mas com firmeza”, avisou.*

Concluindo, podemos afirmar, com toda a certeza que, embora esta matéria faça um retrato justo do presidente Fernando Henrique, e reproduza o sentimento geral da nação sobre seu presidente – o povo, afinal, o elegeu no primeiro turno – trata-se de um texto elogioso, claramente favorável ao governante. Mais do que isso, é quase uma ode a seus atributos de homem *elegante, fisicamente bem desenvolvido, culto, honesto, firme e afável.*

3.1.3 Brasileiros dão nota 6,2 ao governo

Matéria publicada no dia 31 de dezembro de 1995, por ocasião do aniversário de um ano do governo Fernando Henrique.

Título: *Brasileiros dão nota 6,2 ao governo*

Subtítulo: *Um levantamento do Datafolha constata que 41% da população considera ótimo ou bom o primeiro ano de FH*

Texto: *Ao completar um ano de mandato, o presidente Fernando Henrique Cardoso pode comemorar. Uma pesquisa do Instituto Datafolha realizada entre os dias 12 e 15 de dezembro indica que apenas 15% dos brasileiros classificam o governo como ruim ou péssimo. Da amostra de 12.495 entrevistados em 396 municípios de todas as regiões, 41% consideram a gestão de FH ótima, ou boa, e 40% a definem como regular. De 1 a 10, o presidente obteve a nota média de 6,2.*

*O fator que mais pesou para a avaliação positiva foi o controle da inflação, possibilitado pelo Plano Real. A pesquisa demonstra que escândalos envolvendo integrantes do governo, como as irregularidades do Sistema Integrado de Vigilância da Amazônia (Sivam) e o caso da pasta cor-de-rosa – com registros de doações ilegais feitas pelo Banco Econômico em 1990 – não atingiram diretamente a opinião pública.**

* O texto integral da matéria encontra-se no Anexo IV deste trabalho.

3.1.3.1 Título e subtítulo

O título e o subtítulo da matéria não revelam claramente a intenção de mostrar positiva ou negativamente o primeiro ano de FHC. O subtítulo diz que 41% da população acha ótimo ou bom o governo, mas na verdade, não especifica quantos acham uma coisa e quantos acham outra. Também não especifica quantos o acham regular. No entanto, nestes dois elementos da matéria, não há uma intenção de favorecer ou desfavorecer ao governante, porque os dados apresentados são objetivos, não trazem conotação positiva ou negativa, e não há menção alguma a fracasso ou sucesso.

3.1.3.2 Escolhas

De qualquer modo, escolha dos dados publicados, aqui, favorece claramente ao governo. E a forma como estes índices são descritos faz com que as estatísticas – já naturalmente boas para FHC – pareçam ainda melhores. A primeira frase de texto é emblemática: *Ao completar um ano de mandato, o presidente Fernando Henrique Cardoso pode comemorar.*

Em seguida, vem o primeiro dado estatístico da pesquisa, a constatação de que *apenas 15% dos brasileiros classificam o governo como ruim ou péssimo*. O uso da palavra *apenas* aqui é um instrumento explicativo em relação aos números descritos. Sabe-se que a maioria das pessoas não faz

idéia do que sejam números bons ou ruins, altos ou baixos, quando olham para uma estatística. A palavra *apenas* serve para explicar que o número apresentado é baixo, que pouca gente acha o governo ruim ou péssimo. Quase qualquer índice estatístico, precedido pela palavra *apenas*, parece relativamente pequeno.

No segundo parágrafo, estão descritos os motivos para a avaliação positiva. Aliás, o fato de a própria matéria, aqui, dizer que a avaliação é, de fato, positiva, é mais um recurso utilizado para deixar bem claro ao leitor que as estatísticas ali apresentadas são boas. Em seguida, segue-se uma lista de pontos negativos, que poderiam afetar os resultados da pesquisa, mas que *não atingiram diretamente a opinião pública*. E embora haja este parágrafo inteiro falando dos motivos para os votos na opção *ótimo/bom*, não há uma frase sequer referindo-se aos motivos que levaram os 15% a votarem na opção *ruim/péssimo*.

No último parágrafo, surge um dado cuja inclusão no texto não obedece a nenhum critério de equidade dos setores da população entrevistados, cuja publicação é absolutamente direcionada ao favorecimento da imagem do governo: dentre os grupos sociais que apresentam maiores percentuais de aprovação ao governo FHC, um dos maiores é o dos simpatizantes do PSDB, com 62%. Por motivos óbvios, é de se esperar que os

simpatizantes do partido ao qual pertence o mandatário coloquem-se a favor do mesmo. Afinal, foram eles que fizeram campanha, que votaram internamente, no partido, candidatura, e o programa de governo.

Por fim, em relação ainda ao último parágrafo, pode-se dizer que a escolha dos dados a publicar, aqui, foi extremamente favorável a FHC, porque, não apenas a matéria traz uma relação de quais os setores sociais mais simpáticos ao primeiro ano de seu mandato, como, também, não dedica uma linha sequer para dizer quais foram os grupos que mais opinaram contra o governo.

3.1.3.3 Comparações

Mais uma vez, os critérios de escolha dos dados inclusos no texto foi feita com aparente simpatia ao governo. A matéria traz diversas comparações do governo FHC com outros, seus antecessores, demonstrando que o presidente em exercício é melhor do que eles.

Uma frase, em especial, foi escrita de uma maneira que, para o leitor comum, pode demonstrar o grande sucesso do primeiro ano de Fernando Henrique: *Em relação a Collor, as diferenças são marcantes: a maioria (75%) afirma que a gestão de Fernando Henrique é melhor do que a do presidente afastado do poder. Até entre simpatizantes do PT – partido*

tradicionalmente de oposição ao governo federal – 42% acham que FH se saiu melhor que Itamar. Em comparação a Collor, a taxa sobe para 71%.

Comparar FHC com Collor – um presidente recém afastado do poder, por corrupção, cercado entre um Congresso em plena CPI e a população absolutamente hostil, mobilizada nas ruas contra seu governo – é como colocar numa pista de corridas uma pedra e uma Ferrari. As comparações com Itamar, com diferenças bem mais modestas nos índices de aprovação, receberam menor espaço na matéria.

Também há uma aparente grande conquista de apoio da oposição pelo governo, quando o texto diz que até os simpatizantes do PT consideram o governo FHC melhor do que o governo Collor. Este resultado é apresentado como um sucesso, pois o PT é um *partido tradicionalmente de oposição ao governo federal*. Mas a oposição ao governo federal não significa apenas a luta contra FHC – significa também uma hostilidade contra Collor, que, afinal, era o antigo *governo federal*. O PT, portanto, faz tanta oposição a FHC quanto fazia ao Collor, ou talvez até menos. Portanto, se 71% dos entrevistados dentro do PT consideram FHC melhor do que Collor, isso não significa que eles o achem *bom*, e sim, *menos ruim* do que Collor. Porque se os militantes do PT fazem oposição ao governo, podem muito bem detestar FHC, mas detestar mais ainda ao Collor.

Por fim, as comparações com o presidente afastado em 1992 são abundantes, e as comparações com Itamar, mais discretas. Em um dado momento, o antecessor direto de Fernando Henrique é citado, mas não são apresentados os números: *Os entrevistados também atribuíram ao governo FH um melhor desempenho se comparado às administrações de dois de seus antecessores – Itamar Franco e Fernando Collor. Em relação a Collor, as diferenças são marcantes...* Neste trecho, uma comparação com Itamar foi até citada, mas seus índices numéricos não foram apresentados.

3.2 Matérias sobre o governo Lula

Neste capítulo, analisaremos três matérias falando sobre o governo Lula. A primeira, publicada em 28 de outubro de 2002, intitulada “Nasce o Lula presidente do Brasil”, fala da eleição do candidato do PT, logo após a apuração dos votos. A segunda, “Multidão derruba o protocolo na festa da posse de Lula”, é a narrativa da cerimônia de posse do novo presidente. E a terceira, publicada em 31 de dezembro de 2003, com o título “Em nome dos pobres no fórum dos ricos”, está inserida em um caderno chamado “Retrospectiva 2003”, e é a única nesta edição falando sobre ações daquele ano de governo.

3.2.1 Nasce o Lula presidente do Brasil

Matéria publicada em 28 de outubro de 2002, dia posterior à apuração dos votos da eleição presidencial daquele ano.

Título: *Nasce o Lula presidente do Brasil*

Subtítulo: *O dia mais importante da trajetória política do ex-metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva começou e terminou com fortes emoções*

Texto: *Dona Eurídice disse um dia que seu filho Luiz Inácio tinha nascido num 27 de outubro. Ficou a confusão em família porque os registros do cartório indicam o dia 6 de outubro.*

Desde ontem, o ex-retirante tem os mais justificáveis motivos para fazer do 27 de outubro uma data inteiramente sua. Dona Eurídice foi profética. Ontem foi o dia triunfal da trajetória política de Luiz Inácio Lula da Silva.

Antes mesmo de deixar o prédio onde reside para votar em São Bernardo do Campo, região metalúrgica de São Paulo, o pernambucano vivenciou a primeira emoção do dia em que sairia consagrado. Um grupo de 57 crianças (simbolizando a idade do ex-metalúrgico), filhos de sindicalistas como ele fora um dia, prestou uma homenagem a Lula. Foi a primeira vez que o candidato chorou no domingo.

- *Uma surpresa assim, no dia da eleição, é uma coisa fantástica – conseguiu dizer.* *

3.2.1.1 O relato do dia do presidente

Esta matéria é, de fato, uma narração do dia 27 de outubro de 2002 na vida do presidente eleito. É provável que, se o eleito fosse José Serra, ZH houvesse publicado matéria semelhante.

Entretanto, é importante ressaltar que não há qualquer referência negativa ao presidente Lula neste texto todo. O texto serve a um propósito bastante claro, de apresentar o novo governante como uma figura humana, inocente, um homem que lutou sua vida inteira por um sonho, e que agora está diante de sua realização. Lula é mostrado aqui com uma imagem bem diferente das de político esperto e de líder sindical esquerdista furioso: ele é uma espécie de homem-novo. Sua inocência e humanidade ficam bem expressas em diversos trechos: Ele se emociona, chora, dá o bolo a um menino deficiente, ganha um bonequinho *playmobil*, etc.

Em diversos momentos, surgem descrições de multidões histéricas cercando o então candidato. Lula, aqui, aparece como um líder capaz de

* O texto integral da matéria encontra-se no Anexo V deste trabalho.

mobilizar milhares de pessoas a seu encontro. O que é verdade. Esta é uma matéria muito provavelmente fiel ao verdadeiro dia 27 do candidato Lula. Verdadeira, objetiva, mas que jamais seria publicada em um jornal de posições contrárias ao PT. Zero Hora, aqui, demonstra, se não simpatia, ao menos neutralidade em relação ao presidente recém-eleito.

3.2.2 Multidão derruba protocolo na festa da posse de Lula

Reportagem especial do dia 2 de janeiro de 2003. Traz a posse do presidente Lula.

Título: *Multidão derruba protocolo na festa da posse de Lula.*

Texto: *A palavra povo, repetida 21 vezes nos dois discursos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, teve mais do que força simbólica ontem em Brasília. O povo desafiou a segurança, provocou a quebra de protocolos e ficou tão próximo do presidente como as autoridades. A festa transformou anônimos em protagonistas de uma cerimônia marcada pelo imprevisto e pelo improviso. Era tudo o que Lula queria. Tanto que o discurso de posse no Congresso foi encerrado com uma exaltação:*

- Viva o povo brasileiro.

E a fala de improviso, no parlatório do Palácio do Planalto, foi fechada com uma conclamação:

- *Me ajudem a governar porque a responsabilidade não é apenas minha, é nossa.**

3.2.2.1 Adeus, Brasil velho

O jornal ZH, nesta matéria, dá espaço para que transpareçam críticas ao governo de Fernando Henrique Cardoso. Em um dado momento, diz-se que Lula fez *críticas rápidas à herança da Era FH – desemprego, estagnação da economia e egoísmo – defendeu o combate à inflação e à corrupção e seu programa prioritário, o Fome Zero, e pediu paciência aos que o elegeram pedindo mudanças*. Dá-se a entender que, nos tempos do governo anterior, também a corrupção, a fome e a inflação foram problemas crônicos do Brasil.

Fernando Henrique não aparece apenas como um presidente incapaz de resolver estas questões. Ele também é um homem atrapalhado que deixa seus óculos caírem, dependendo então da ajuda de Lula – o herói do dia – para reavê-los. E não apenas isso. FHC também é um presidente odiado por uma parcela da população, representada aqui pelo público, que exhibe faixas contra o ex-presidente, algumas delas *agressivas, como “FH, carrasco dos pobres”*. Em seguida, vêm as citações dos discursos do novo governante, pedindo

* O texto integral da matéria encontra-se no Anexo VI deste trabalho.

paciência e prometendo mudanças. A linguagem e a seleção das informações, de sua ordem de apresentação, obedecem ao propósito de isolar no passado recente todas as mazelas nacionais, e apresentar o novo governo como a *salvação da pátria, o recomeço*.

Os únicos momentos nos quais Fernando Henrique não está sendo criticado, ou cometendo algum erro, são na hora da passagem do poder – FH ergue os braços de Lula, e emociona-se no momento de passar a faixa, tanto quanto na hora em que ele e sua esposa, conduzidos pelo novo casal presidencial, embarcam para Paris. Ou seja, as únicas coisas que o antigo mandatário faz direito são entregar o poder, e ir embora.

3.2.2.2 Um presidente com unanimidade

Um plenário colorido de vermelho branco, marcado por encontros inusitados e quebras de protocolo, foi palco da posse do novo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Com fortes aplausos dos parlamentares, Lula assinou o termo de posse no Congresso Nacional. E neste Congresso, aparentemente, Lula não enfrenta oposição alguma. Porque quando Lula chegou ao plenário, bandeiras do PT e do Brasil foram erguidas pelos parlamentares. Não há referência alguma no texto sobre a reação dos opositoristas – sequer uma citação da ausência deles, se estiveram ausentes.

3.2.2.3 Lula, uma estrela e um novo Messias

A posse do presidente ocorreu como *se tudo fosse um show*. A estrela principal - o próprio Lula - foi cercado por uma legião de fãs, e uma de suas admiradoras *furou* a segurança para bater uma foto junto ao ídolo. Segundo o texto, uma multidão de milhares de pessoas aglomerou-se e, todos os lugares disponíveis para assistir ao grande espetáculo da posse, estavam ocupados. Um presidente estrangeiro, o da Venezuela, anunciou, ali, o início de uma nova era, trazida pela chegada ao poder de Lula, investido nesta passagem de texto de um caráter verdadeiramente *messiânico*. Um deputado subiu numa cadeira para vê-lo em ação. E tal como acontece nos grandes *shows* de *rock*, um grupo de fãs, em busca de lugares com uma *visão privilegiada da cerimônia*, dormiu na praça e chegou bem cedo.

3.2.3 Em nome dos pobres no fórum dos ricos

Matéria publicada em 31 de dezembro de 2003, dentro de um caderno chamado “Retrospectiva 2003”. Aqui, os títulos das matérias são precedidos por uma pequena cartola, indicando em que categoria de acontecimentos aquele fato se destaca. Este caderno encartado no jornal traz os fatos mais importantes do ano, incluindo feitos esportivos, eventos culturais e conquistas

científicas. A matéria aqui analisada é a única, dentro desta “Retrospectiva”, a falar sobre o governo federal.

Cartola: *A surpresa*

Título: *Em nome dos pobres no fórum dos ricos*

Texto: *As esquerdas alertavam: Lula não deveria ir ao Fórum Econômico Mundial, um evento à espera de uma estrela que o revigorasse. Se fosse a Davos, o reduto dos grandes defensores do capitalismo, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva estaria dando sobrevida a um discurso que sempre combateu. Pois Lula foi, depois de passar pelo Fórum Social Mundial, em Porto Alegre e se saiu bem. Defendeu um pacto mundial pela paz e contra a fome e se transformou na estrela do fórum suíço. Propagou para o mundo, no final de janeiro, logo depois de empossado, o primeiro esboço da imagem que passaria a construir como estadista disposto a buscar seu espaço no jogo de forças mundial.*

3.2.3.1 O representante do Terceiro Mundo

O primeiro elemento analisado é, especificamente, o título da matéria. Lula foi a Davos falar em nome dos pobres – ou seja, do Brasil, dos países de Terceiro Mundo – em um espaço de discussão dos países ricos.

Com isso, a imagem do presidente é a de um homem que não apenas representa seu país, mas um gigantesco bloco de países, os pobres. Ele é o único líder deste conjunto de nações a ir a Davos e falar, de igual para igual, com os líderes das nações de Primeiro Mundo. Não restam dúvidas de que, nesta tarefa, ele se *saiu bem*, surpreendendo o que o texto chama de as *esquerdas*. Ou seja, Lula é maior do que as *esquerdas* que o elegeram. É o representante dos países pobres. Um líder de nível mundial.

3.2.3.2 Lula, um astro e um estadista

O texto, apesar de curto, traz uma sucessão de elogios ao presidente, colocados um após o outro. Em primeiro lugar, Lula é mostrado como uma estrela, uma personalidade de fama e prestígio mundial, capaz de dar sobrevida *a um discurso que sempre combateu*, como se sua presença no fórum de Davos fosse o bastante para salvar o evento de uma crescente perda de prestígio e importância.

Uma vez chegando à Suíça, Lula transformou-se na *estrela do fórum*, o que é mais uma prova de sua importância e carisma em nível mundial. Não apenas isso, ele também é retratado como um *estadista*, capaz de fazer com que o Brasil *encontre seu espaço no jogo de forças mundial*.

3.3 Análise dos dois períodos

Fazendo paralelismos entre as matérias de períodos semelhantes de cada governo, podemos tirar conclusões sobre os tratamentos – diferenciados, igualmente favoráveis ou igualmente desfavoráveis – dados aos dois presidentes, no momento em que cada um deles é declarado eleito, toma posse ou completa um ano de mandato.

3.3.1 Vitórias

Entre as matérias retratando o dia da vitória eleitoral de Fernando Henrique e de Lula, podem ser traçados alguns paralelismos. Ambas falam de momentos únicos na história do Brasil – o tucano vence espetacularmente a *maior eleição da história*, no primeiro turno, e o petista recebe uma *votação recorde*, sem igual no nosso país.

Existe uma diferença marcante entre uma matéria e outra – o texto daquela dedicada a Lula é bem maior, e a matéria ocupa duas páginas, enquanto a do candidato do PSDB ocupa três quintos da capa. Mas essa diferença pode ser facilmente atribuída às diferenças tecnológicas de uma e outra eleição: Lula era o presidente oficialmente eleito, ao contrário de seu antecessor, que precisou aguardar alguns dias para receber o resultado oficial, embora sua vitória fosse previsível.

Também a preocupação do jornal em mostrar uma narração completa do dia do presidente eleito Lula – e não do de FHC – é explicável pela simples razão de que, se para o tucano, tentando o cargo pela primeira vez, a vitória estava garantida desde antes do início das votações, para o ex-sindicalista o momento da vitória foi objeto de expectativa, dele, de seu partido e de uma parcela significativa da população, desde 1989, tendo passado por três infrutíferas e penosas campanhas eleitorais anteriores.

3.3.2 O novo é melhor que o velho – A lógica do recomeço

Um elemento presente na linguagem de ambas as matérias sobre a posse presidencial é a inserção de uma mensagem de recomeço. É um processo pelo qual, ao longo do texto, as mazelas brasileiras, como a fome, a pobreza, a corrupção e as crises econômicas, são tratadas como pertencentes ao período de governo anterior. Logo após, no mesmo texto, são apresentadas as propostas do novo governo, como se, a partir daquele momento, tudo fosse mudar como que pode milagre. De um lado, os progressos obtidos no governo que está acabando nunca são citados, e do outro, as dificuldades e obstáculos – por vezes, a óbvia impossibilidade – de realização dos projetos do presidente que está chegando jamais são mencionados. É como se os ex-presidentes não

tivessem feito nada de bom, e os novos presidentes fossem capazes de operar milagres.

Também há, em cada uma das matérias publicadas nos dias posteriores às duas cerimônias de posse, algumas referências que *diminuem* o governante anterior. No caso da posse de FHC, trata-se da referência ao porte físico de Itamar Franco, no qual a faixa de presidente fica até *amarrotada*. E no caso da posse de Lula, o desabonado é um Fernando Henrique desastrado, que deixa cair seus óculos. Embora não sejam referências críticas ao governo, ao caráter ou ao próprio aspecto do governante anterior, e passem ao leitor a impressão de serem meros fatos, narrados em miudeza por um repórter detalhista, na verdade, são informações desnecessárias à montagem de um retrato fiel do evento. Eventuais tropeços, passos em falso, escorregões do novo presidente passam despercebidos. Mas o amarrotado da faixa de um ou os óculos que caem do rosto do outro, são colocados no texto. Talvez esta escolha de dados a publicar nem seja intencional, e ocorra de forma inconsciente na mente do repórter, mas ela existe.

3.3.3 Feliz aniversário

As eventuais críticas feitas pelo jornal, ao longo de todo o primeiro ano de mandato de ambos os presidentes aqui apresentados, são absolutamente

eliminadas nas matérias especiais sobre o primeiro aniversário de cada governo. Segundo o jornal Zero Hora, Fernando Henrique completou seus primeiros doze meses como um presidente extremamente popular, comandando um Brasil em plena disparada de desenvolvimento.

Conforme o mesmo jornal, Lula, já não apenas um presidente, mas um *estadista*, depois de passar apenas um ano no governo, já é um líder mundial do Terceiro Mundo, cujo brilho é capaz de ofuscar até mesmo o de todos os outros líderes, das nações mais ricas do planeta, no Fórum Econômico Mundial.

4. CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo é concluir qual o posicionamento do jornal Zero Hora em relação a dois governos, sendo um deles do PT, e outro, do PSDB para, então, avaliar até que ponto o jornal pode ou não ser acusado de nutrir alguma hostilidade ao Partido dos Trabalhadores. Não se trata de comparar a qualidade do governo como ele é demonstrado no jornal com a realidade, pois a realidade de cada governo é sempre objeto de inúmeras opiniões. Trata-se, sim, de comparar textos uns com os outros e de considerá-los individualmente.

Seis matérias, retratando a eleição, posse e primeiro ano de mandato dos presidentes FHC e Lula, foram analisadas objetivamente. Através deste estudo, os mecanismos lingüísticos e descritivos utilizados para retratar cada um dos mandatos puderam ser percebidos, e as intenções de favorecer ou prejudicar a imagem do presidente retratado, identificadas.

É possível concluir que, para ambos os governantes, o periódico em questão dedica tratamentos semelhantes. Existe sempre uma simpatia expressa pelo presidente que chega ou está no poder. Existem mecanismos de construção da imagem deste personagem, mecanismos de construção das cenas retratadas e diversas semelhanças entre a descrição dos governos quanto

aos aspectos escolhidos como relevantes e quanto às descrições de cada um deles e do meio que os cerca.

Não há como avaliar as diferenças e similaridades do tratamento dispensado à vitória eleitoral de Lula e de Fernando Henrique, porque ambas foram eventos históricos bastante diferentes: a tecnologia empregada na votação era diferenciada, o perfil dos candidatos idem.

O jornal Zero Hora opera, nas matérias da posse dos presidentes, um processo de diminuição do prestígio do governo anterior, associando à imagem deste todos os problemas nacionais, ao mesmo tempo em que mostra as propostas do novo governante. Passa, assim, a mensagem de que o novo governo será melhor que o anterior. Ou de que, pelo menos, os problemas mais sérios terão solução no quadriênio que inicia-se.

Nas matérias de primeiro ano de mandato, mostra os presidentes como grandes realizadores de grandes feitos. Como estadistas ou competentes comandantes de uma nação ascendente. Como grandes homens, enfim.

Os eventuais escândalos, problemas e dificuldades enfrentados ou a enfrentar pelo caminho, são reduzidos, dando-se muito mais espaço para os fatores positivos de cada governo.

Por isso, pode-se dizer que as matérias publicadas em ZH, e analisadas no presente trabalho, retratam mais os aspectos positivos do

governo eleito, recém-empossado ou em exercício. Em nenhum momento transparece alguma intenção de denegrir alguma realização, de prejudicar a imagem do governante, de atribuir-lhe defeitos. Em momento algum é demonstrada qualquer hostilidade a este ou aquele governo.

Portanto, pode-se concluir que a afirmação *Zero Hora é contra o PT* é absolutamente falsa. O jornal demonstra uma postura sempre *a favor* do governo, seja ele tucano ou petista.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTO, André – **50 anos de imprensa** – Porto Alegre, FEPLAM, 1992
- ARBEX JR, José – **Showrnlismo: A notícia como espetáculo** – São Paulo, Casa Amarela, 2001
- AUBENAS, Florence e BENASAYAG, Miguel - **A Fabricação da Informação: Os jornalistas e a ideologia da comunicação** – São Paulo, Loyola, 2003
- DUTRA, Fundação Tarso – **E agora, presidente?** – Porto Alegre, Fundação Tarso Dutra, 2002
- LAGE, Nilson – **Ideologia e técnica da notícia** - Florianópolis, Insular, 2001
- LAMOUNIER, Bolívar – **A Era FHC: Um balanço** - São Paulo, Cultura Editores Associados, 2002
- PAULA, João Antonio - **A economia política da mudança: Os desafios e os equívocos do início do governo Lula** - Belo Horizonte, Autêntica, 2003
- ROSSI, Clóvis - **O que é jornalismo?**, 10. ed., São Paulo, Brasiliense, 2002
- SCHIRMER, Lauro – **RBS: Da voz-do-poste à multimídia**, Porto Alegre, L&PM, 2002

FONTES DA INTERNET

<http://www.pt.org.br>

<http://www.psdb.org.br>

<http://pt.wikipedia.org/>

<http://www.ifhc.org.br>

<http://elogica.br.inter.net/crdubeux/hcardoso.html>

<http://www.crab.rutgers.edu/~goertzel/fhc.htm>

http://www.portalbrasil.net/politica_presidentes_fhc.htm

[http://geocities.yahoo.com.br/vinicrashbr/historia/brasil/governofernandohenri
que.htm](http://geocities.yahoo.com.br/vinicrashbr/historia/brasil/governofernandohenri
que.htm)

ANEXO I

CUIDADO !



Não se deixem enganar pelo lobo vestido em pele de cordeiro. Ele quer privatizar os serviços públicos. A proposta de Reforma Administrativa do Governo Federal vai enfraquecer o Estado brasileiro. Vamos recuperar o serviço público com a profissionalização do servidor e também aplicando melhor o dinheiro do contribuinte. Só assim teremos escolas, hospitais, policiamento... De boa qualidade para todos. Acordem enquanto é tempo, pois o bote do lobo está próximo !!!

***Movimento Nacional em Defesa do Serviço Público
Frente Parlamentar em Defesa do Serviço Público***

IMPRESSÃO: FANTÁSTICA (061) 5635746

ANEXO II

Matérias da Zero Hora anexadas mas não digitalizadas.